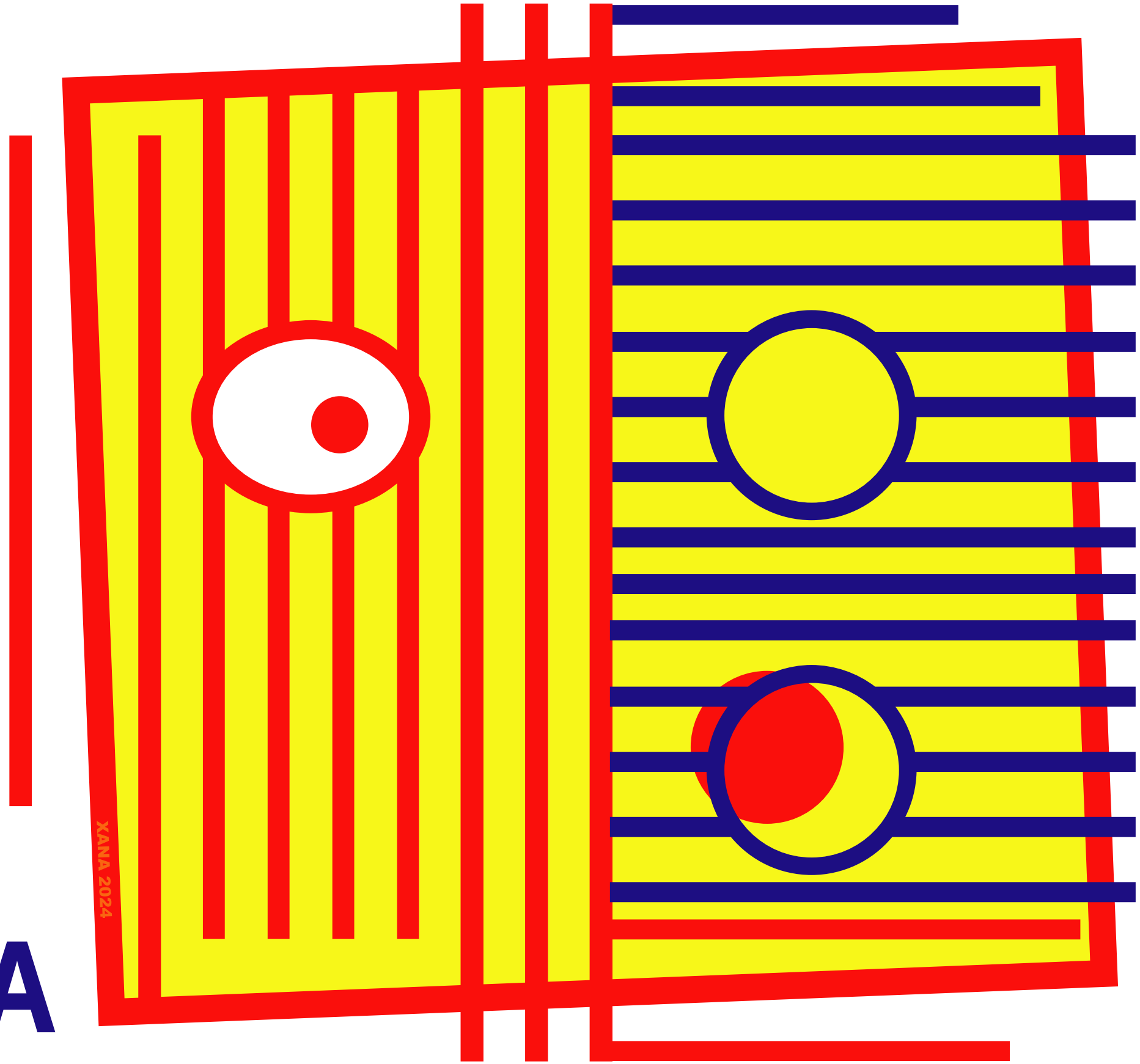
CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DA FORTALEZA DE SAGRES
21/09/2024 - 14/12/2024



XANA

DESENHO, CONSTRUÇÃO E VERTIGEM DRAWING, CONSTRUCTION AND VERTIGO

Curadoria/Curated: **Mirian Tavares ~ Pedro Cabral Santo**

Organização/Organization:

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

MUSEUS E MONUMENTOS DE PORTUGAL

PROMONTÓRIO DE SAGRES

MARCA DO PATRIMÓNIO EUROPEU

CIAC
CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
DA FORTALEZA DE SAGRES

fct
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

XANA • DESENHO, CONSTRUÇÃO E VERTIGEM

DRAWING, CONSTRUCTION AND VERTIGO

Não há nenhum dever na arte porque a arte é livre.

Vassily Kandinsky

A obra de um artista é a sua afirmação de si no mundo dos outros. É a sua língua, ou, mais que língua, a sua linguagem – construída laboriosamente ao longo dos anos, torna visível a assinatura que faz reconhecer um determinado artista entre tantos. Tal não quer dizer, de modo algum, que ele (ou ela) sejam obrigados, para não perder a identidade, a fazer sempre o mesmo com algumas variações. A linguagem do artista é expansiva e, muitas vezes, funciona de forma paradigmática – uma obsessão que atrai sentidos diversos, novas formas e meios de expressão; que não funciona em linha reta, mas percorre os tortuosos caminhos da mente de quem a criou. Pode dizer-se que cada artista cria um idioleto, uma forma só sua de expressar ideias, de revelar aquilo que o interessa e que quer partilhar.

Xana é um artista de obsessões. As suas obras, gráficas ou tridimensionais, complementam-se, dialogam, criam um alfabeto próprio, através do qual o artista apresenta conceitos do universo da estética e da história da arte. Será possível, ainda, pensar na arte contemporânea como bela? Ou politizada, ao ponto de buscar a liberdade? (Seja liberdade de criação, seja o conceito de liberdade em si mesmo). Será a arte uma forma de sabedoria/conhecimento, capaz de promover a felicidade? E será que esses conceitos, na obra de Xana, dizem aquilo que outrora disseram ou funcionam como gatilhos capazes de disparar, no público, verdades (?) sobre a arte e sobre a condição de ser artista?

Esta exposição funciona como uma antologia das suas obras desde 2011 até à atualidade. Os desenhos foram organizados em quatro núcleos: *OLEB, FELCIA e LBRD* (2011 a 2015); *Milagre OLEB* (2020); *CENTRO* (2020-2023); e *A Passagem* (constituída por desenhos e obras escultóricas *site specific*, feitas em madeira policromada).

Cada um destes núcleos é constituído por um alfabeto próprio que reflete, não só, fases diferentes da obra de Xana, como apresenta a fala do artista diante (e sobre) o próprio universo artístico. As cores vivas constituem-se como marca registada de um artista que começa seu percurso nos gloriosos anos 1980 – período de efervescência cultural num país recém-saído de uma ditadura e recém acolhido pela União Europeia. Mas, entre os desenhos, alguns prescindem da cor e apelam ao gesto, um gesto que procura recuperar o momento em que a arte não se descrevia, apenas se inscrevia nas paredes.

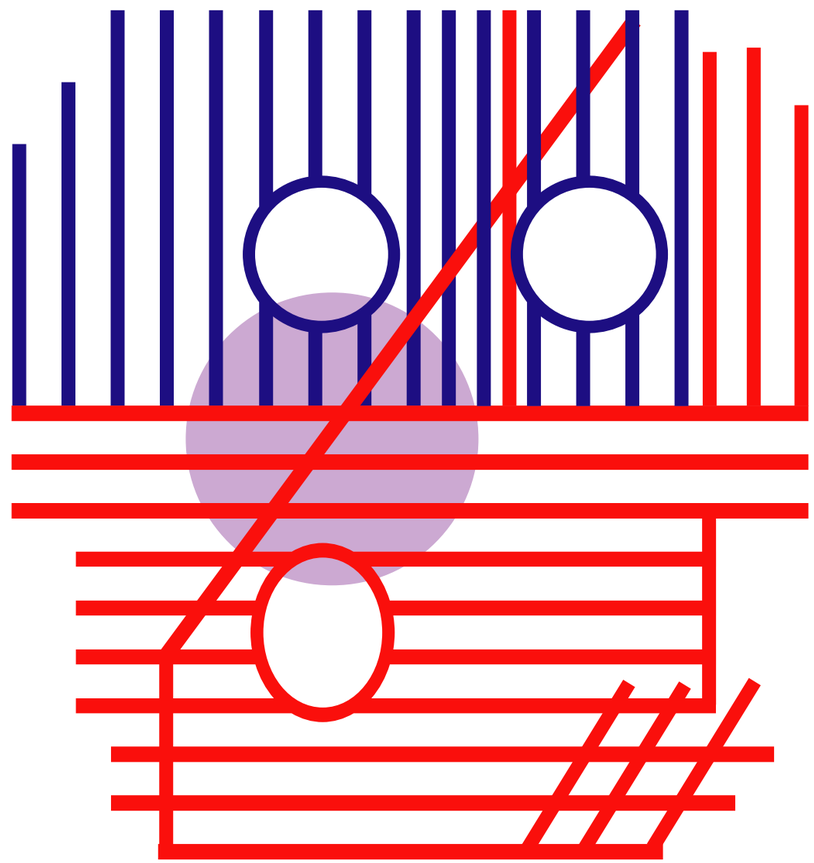
O problema da escritura/inscrição é também central num artista que pretende falar a partir do seu verdadeiro meio: a criação artística. Sem perder a profundidade daquilo que diz, Xana prefere dizê-lo com desenhos e obras tridimensionais, não se deixando influenciar pela linguagem externa à arte, que se constitui como crítica ou História.

Ouvi, há anos, uma frase, dita por um psicanalista, que me fez pensar em Xana e no seu corpo de trabalhos – O homem fala, a mulher borda. A mulher aqui é um conceito mais amplo que não representa apenas o feminino, mas abarca todos aqueles que fogem do regime falocrático. De um regime da fala e pela fala que nos obrigada a dizer, repetindo ou concordando com o que foi dito antes de nós, e nunca por nós mesmos. Ao escapar do regime da fala (e da falocracia), Xana reafirma a liberdade do artista de escolher como vai fazer a sua obra comunicar e como vai criar, com ela, novas e impossíveis linguagens que não se deixam aprisionar pelo regime do escrito, mas inscrevem-se num discurso outro, mais vívido e sensível, mais direto e original.

Mirian Tavares

CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA FORTALEZA DE SAGRES
21/09/2024 - 14/12/2024

Curadoria/Curated: **Mirian Tavares** ~ **Pedro Cabral Santo**



There is no duty in art because art is free.

Vassily Kandinsky

An artist's work is their self-affirmation in the world of others. It is their mother tongue, or, more than that, their language – painstakingly constructed over the years, it renders visible the signature that makes a particular artist recognizable among so many. This does not mean, in any way, that he (or she) is required, so as to preserve his (or her) identity, to always do the same thing with a few variations. An artist's language is expansive and often works in a paradigmatic way – an obsession that attracts diverse meanings, new forms and means of expression; that does not move in a straight line, but rather follows the winding paths of the creative mind. It might be argued that each individual artist creates an idiolect, an entirely personal way of expressing ideas, of revealing what interests them and what they choose to share.

Xana is an artist of obsessions. His pieces, whether graphic or three-dimensional, are complementary, dialoguing with each other and creating their own alphabet, through which the artist presents concepts from the world of aesthetics and the history of art. Is it still possible to think of contemporary art as something beautiful? Or as something politicized, to the point of seeking freedom? (Both the freedom of creation and the notion of freedom itself.) Is art a form of wisdom or knowledge capable of promoting happiness? And do these concepts, in Xana's work, say what they once said, or do they act as triggers capable of eliciting, in the viewers, truths (?) about art and the condition of being an artist?

"Drawing, Construction and Vertigo" may be regarded as an anthological exhibition of the work that the artist has produced from 2011 to the present. The drawings were organized into four groups: *OLEB, FELCIA e LBRD* (from 2011 to 2015); *Milagre OLEB* (2020); *CENTRO* (from 2020 to 2023); and *A Passagem* (consisting of drawings and site-specific sculptural pieces made of polychrome wood).

Each one of these groups is made up of its own alphabet that not only reflects different phases in Xana's work, but also presents the artist's speech before (and about) his own artistic world. The bright colours have become a trademark of an artist who began his career in the glorious 1980s – a time of cultural effervescence in a country that had recently freed itself from dictatorship and had just been welcomed into the European Union. However, among the drawings on display, some dispense with colour and resort to gesture, a gesture that strives to recover the moment when art was not described, but simply inscribed on walls.

The problem of writing/inscription is also fundamental in the work of an artist who seeks to speak from within his true medium: artistic creation. Without losing the depth of what he is saying, Xana prefers to say it through drawings and three-dimensional pieces, not allowing himself to be influenced by a language that is external to art and takes on the form of criticism or History.

Some years ago, I heard a sentence, uttered by a psychoanalyst, that made me think of Xana and his body of work: "A man speaks, a woman embroiders". Here, "woman" is a broader concept that does not stand solely for the feminine but encompasses all those who manage to escape the phallocratic regime. A regime of speech and through speech that forces us to speak by repeating or agreeing with what was said before us, and never for ourselves. By escaping the regime of speech (and phallocracy), Xana reasserts the artist's freedom to choose how his work will communicate and how he will use it to create new and impossible languages that refuse to be limited by the regime of writing, and instead are inscribed in an alternative discourse, more vibrant and sensible, more direct and original.

Mirian Tavares